

## AVALIAÇÃO ESCOLAR E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

CARVALHO, Welerson Gonçalves<sup>1</sup>

SALGADO, Rita de Cássia Falleiro<sup>2</sup>

### RESUMO

A avaliação se faz presente em todos os domínios da atividade humana, mas como prática formalmente organizada e sistematizada, a avaliação no contexto escolar, realiza-se segundo objetivos escolares implícitos ou explícitos, que, por sua vez, refletem valores e normas sociais. Esta pesquisa tem como objetivo demonstrar os limites enfrentados por alunos e professores e as possibilidades de trabalho frente às dificuldades de aprendizagem no processo de avaliação escolar e suas implicações no reforço escolar das crianças com baixo desempenho de aprendizagem. A metodologia desenvolvida, nesta pesquisa documental, é essencialmente qualitativa, e aonde a compreensão da abordagem da avaliação escolar e das dificuldades de aprendizagem se faz presente através das leituras de autores como Leal (2011), Lakomy (2008), Caldeira (1997), que possibilitam uma reflexão mais significativa sobre o tema. Este trabalho vem elucidar novas oportunidades sobre a avaliação escolar. Sugiro aqui, na perspectiva de uma evolução das práticas no sentido de uma avaliação formativa, de uma avaliação que ajude o aluno a aprender e o professor a ensinar.

**Palavras-chave:** Avaliação. Escola. Dificuldades de aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Licenciatura em Educação Física pelo UNIFEMM – Centro Universitário de Sete Lagoas. Artigo apresentado como Trabalho de conclusão de Curso. Especializando em Psicopedagogia Clínica e Institucional - EAD – FATEC/FACINTER.

<sup>2</sup> Mestre em Educação - UTP PR, Doutoranda em Educação - UTP PR; Psicóloga Clínica e Institucional – PUC-PR; Especialista em Bioenergética, Sexualidade Humana, Medicina Tradicional Chinesa; Prof<sup>a</sup> Orientadora de Psicopedagogia Clínica e Institucional e Educação – IBPEX / UNINTER.

## **INTRODUÇÃO**

A avaliação escolar, também chamada avaliação do processo ensino-aprendizagem, tem como objeto de análise o desempenho do aluno, do professor e de toda a situação de ensino que se realiza no contexto escolar. É uma proposta valiosa, quando utilizada com o propósito de compreender o processo de aprendizagem que o aluno está percorrendo em uma dada etapa.

Esta pesquisa tem como objetivo demonstrar os limites enfrentados pelos alunos e professores e as possibilidades frente às dificuldades de aprendizagem no processo de avaliação escolar e suas implicações no reforço escolar das crianças com baixo desempenho de aprendizagem.

Este trabalho apresenta novas alternativas para o processo de avaliação escolar, que tem se limitado a atribuir notas e conceitos, tornando o processo apenas administrativo.

A metodologia desenvolvida neste trabalho baseou na de pesquisa bibliográfica. Sendo utilizados os seguintes procedimentos: seleção bibliográfica e documentos afins à temática e em meios físicos e na Internet, para a construção um referencial teórico coerente sobre o tema em estudo, resposta ao problema proposto, corrobore as hipóteses levantadas e atinja os objetivos propostos na compreensão sobre a abordagem da avaliação escolar e das dificuldades de aprendizagem se faz presente através da leitura de autores como Leal (2011), Lakomy (2008), Caldeira (1997), que possibilitam uma reflexão mais significativa sobre o tema.

## **AVALIAÇÃO ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES**

A avaliação se faz presente em todos os domínios da atividade humana, mas como prática formalmente organizada e sistematizada, a avaliação no contexto escolar realiza-se segundo objetivos escolares implícitos ou explícitos, que, por sua vez, refletem valores e normas sociais. Segundo Caldeira (1997):

A avaliação escolar é um meio e não um fim em si mesma; está delimitada por uma determinada teoria e por uma determinada prática pedagógica. Ela não ocorre num vazio conceitual, mas está dimensionada por um modelo teórico de sociedade, de homem, de educação e, conseqüentemente, de

ensino e de aprendizagem, expresso na teoria e na prática pedagógica. (Caldeira, 1997, p.122)

O autor nos mostra que avaliar, no processo de ensino-aprendizagem, não é uma atividade neutra ou destituída de intencionalidade. Fazendo compreender que há um estatuto político e epistemológico que dá suporte a esse processo de prática pedagógica na qual a avaliação se inscreve. Uma vez que para avaliar é necessário, antes, definir aonde se quer chegar, devemos estabelecer, primeiramente, os critérios, para em seguida escolhermos os procedimentos, inclusive aqueles referentes à coleta de dados.

Segundo Lakomy (2008): “O aluno é o centro do processo de ensino-aprendizagem, bem como o construtor ativo do seu próprio conhecimento e desenvolvimento global (cognitivo, afetivo, social, motor, linguístico e ético).” Portanto, se o aluno é centro do processo de ensino-aprendizado no qual a avaliação se faz presente. É necessário conhecermos os alunos primeiramente, para depois escolhermos o tipo de avaliação a ser utilizada para a aprendizagem do aluno. Tratando-se do processo de ensino-aprendizagem do aluno, Perrenoud (1998) nos sugere um tipo de avaliação:

A idéia de avaliação formativa sistematiza o funcionamento, levando o professor a observar mais metodicamente os alunos, a compreender melhor seus funcionamentos, de modo a ajustar de maneira mais sistemática e individualizada suas intervenções pedagógicas e as situações didáticas que propõe tudo isso na expectativa de otimizar as aprendizagens. (Perrenoud, 1998, p.3)

A ideia de avaliação formativa, ou seja, aquela que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, sistematizando o funcionamento do ensino, leva o professor a observar de maneira metódica os alunos. Podendo a ajustar de maneira mais sistemática e individualizada suas intervenções pedagógicas, tudo isso na expectativa de melhorar a aprendizagem. Nada impede que exista uma avaliação formal do conhecimento para reorientar a ação pedagógica, mas é preciso, em geral, ter uma ideia do nível de domínio já atingido. É possível, também, interessar-se pelos processos de aprendizagem, pelos métodos de trabalho, pelas atitudes do aluno, por sua inserção no grupo, ou seja, por todos os aspectos cognitivos, afetivos, relacionais e materiais da situação didática.

Toda avaliação formativa baseia-se na aposta, bastante otimista, de que o aluno quer aprender e deseja ajuda para isso, isto é, que ele está pronto para revelar suas dúvidas, suas lacunas, suas dificuldades de compreensão da tarefa. Ir em direção à avaliação formativa é não mais fabricar tantas desigualdades, é criar os meios para remediar as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Ora, não se pode "matar todos os coelhos de uma só cajadada": é indispensável, para lutar contra o fracasso escolar, deter-se no essencial da aprendizagem, renunciando a todos os tipos de noções e de saberes que não são indispensáveis, ao menos não para todos os alunos.

Na condição de avaliador, o professor interpreta e atribui sentidos e significados à avaliação escolar, produzindo conhecimentos e representações a respeito da avaliação e acerca de seu papel como avaliador, com base em suas próprias concepções, vivências e conhecimentos. E como são tratadas, pelo professor avaliador, as dificuldades de aprendizagem durante e após a avaliação escolar?

## **DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

Para responder a esta questão, primeiramente deve-se entender o que são dificuldades de aprendizagem. Segundo Barbosa (2006) citado por Leal (2011):

Estar com dificuldade para aprender significa estar diante de um obstáculo que pode ter um caráter cultural, cognitivo, afetivo ou funcional e não conseguir dar prosseguimento à aprendizagem por não possuir ferramentas, ou não utilizá-las, para transpô-lo. (Leal, 2011, p. 54)

A escola é um lugar de convivência com as contradições sociais. A diversidade e a diferença possibilitam um espaço rico de aprendizagem para todos, seja aluno ou professor. As diferenças na sala de aula contribuem para aprendizagem de todos. Mas, na grande maioria das vezes, as diferenças de níveis de aprendizado acabam por enquadrar alguns alunos dentro do grupo de alunos com dificuldade de aprendizado. Esse enquadramento poderia ser evitado ou minimizado a partir de intervenções que favorecessem o letramento, a disponibilidade de recursos, a motivação, a intervenção pedagógica, a família na escola, pois essas intervenções proporcionariam mudanças significativas na aprendizagem deste aluno. De acordo com Oliveira (2009):

A patologia da aprendizagem não pode ser compreendida como falta individual, mas com uma influência de fatores que envolvem vigorosamente família, escola, e sujeito, estabelecendo uma rede de relações sociais. Esses elos relacionais revelam uma nova configuração responsabilidade antes localizada no próprio sujeito, agora distribuída nas configurações relacionais que o sujeito estabelece. (Oliveira, 2009 p.93).

As dificuldades de aprendizagem seriam incapacidades funcionais ou dificuldades encontradas na aprendizagem de uma ou de várias matérias escolares. Amaral (2013) explica algumas patologias que geram dificuldades de aprendizagem:

Dislexia: é a dificuldade que aparece na leitura, impedindo o aluno de ser fluente, pois faz trocas ou omissões de letras, inverte sílabas, apresenta leitura lenta, dá pulos de linhas ao ler um texto, etc. Estudiosos afirmam que sua causa vem de fatores genéticos, mas nada foi comprovado pela medicina.

Disgrafia: normalmente vem associada à dislexia, porque se o aluno faz trocas e inversões de letras conseqüentemente encontra dificuldade na escrita. Além disso, está associada a letras mal traçadas e ilegíveis, letras muito próximas e desorganização ao produzir um texto.

Discalculia: é a dificuldade para cálculos e números. De um modo geral os portadores não identificam os sinais das quatro operações e por isso não sabem usá-los, não entendem enunciados de problemas, não conseguem quantificar ou fazer comparações e não entendem seqüências.

Dislalia: é a dificuldade na emissão da fala. Apresenta pronúncia inadequada das palavras, com trocas de fonemas e sons errados, tornando-as confusas. Manifesta-se mais em pessoas com problemas no palato, flacidez na língua ou lábio leporino.

Disortografia: é a dificuldade na linguagem escrita e também pode aparecer como conseqüência da dislexia. Suas principais características são: troca de grafemas, desmotivação para escrever, aglutinação ou separação indevida das palavras, falta de percepção e compreensão dos sinais de pontuação e acentuação.

TDAH: O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é um problema de ordem neurológica, que trás consigo sinais evidentes de inquietude, desatenção, falta de concentração e impulsividade. Hoje em dia é muito comum vermos crianças e adolescentes sendo rotulados como DDA (Distúrbio de Déficit de Atenção), porque apresentam alguma agitação, nervosismo e inquietação, fatores que podem advir de causas emocionais. É importante que esse diagnóstico seja feito por um médico e outros profissionais capacitados. (AMARAL, 2013, p. 3)

A aprendizagem assim como a inteligência não é uma função autônoma. O rendimento intelectual nunca é independente do desenvolvimento afetivo. As potencialidades que cada criança traz só se concretizam em determinadas condições, que estão intimamente ligadas à qualidade dos intercâmbios com o outro. Portanto, antes de enquadrarmos estes alunos em alguma destas patologias por apresentarem dificuldades de aprendizagem, devemos propiciar um processo

avaliativo que considere cada aluno único. Mas, também, devemos entender como ocorre o processo de aprendizagem dos alunos.

Segundo Lakomy (2008), “a aprendizagem ocorre quando, por meio de uma experiência, mudamos nosso conhecimento anterior sobre a ideia, comportamento ou conceito”. A aprendizagem parte de algo que o indivíduo já conhece, para a assimilação de um novo conhecimento que complementa a aprendizagem consolidada. E quando a aprendizagem não ocorre de acordo com o padrão, os alunos são encaminhados para aulas de reforço escolar, geralmente dentro da própria instituição.

## **REFORÇO ESCOLAR**

Na maioria das escolas públicas brasileiras, é comum encontrarmos grande parte dos alunos com enormes dificuldades de aprendizagem e esses alunos se sentem inferiores por não acompanhar o ritmo da turma. É com esse propósito que o reforço escolar vem romper as barreiras da desigualdade de raciocínio, auxiliando o professor a fazer com que os alunos adquiram as competências almejadas.

Para desenvolver competências é preciso, antes de tudo, trabalhar por problemas e projetos, propor tarefas complexas e desafios que incitem os alunos a mobilizar seus conhecimentos e, em certa medida, completá-los. Isso pressupõe uma pedagogia ativa, cooperativa, aberta para a cidade ou para o bairro, seja na zona urbana ou rural. Os professores devem parar de pensar que dar aulas é o cerne da profissão. Ensinar, hoje, deveria consistir em conceber, encaixar e regular situações de aprendizagem seguindo os princípios pedagógicos ativos e construtivistas. Para os professores adeptos de uma visão construtivista e interacionista de aprendizagem trabalhar no desenvolvimento de competências não é uma ruptura. (PERRENOUD, 2000, p.24)

O reforço escolar tem por objetivo fazer com que o aluno com dificuldade de aprendizagem desenvolva-se até alcançar o ritmo de sua turma, consolidando e ampliando os conhecimentos, enriquecendo as experiências culturais e sociais, para assim ajudá-lo a vencer os obstáculos presentes em sua aprendizagem.

Para que o reforço escolar tenha êxito, é necessário bastante cuidado com o planejamento, definição de metas, escolha de alternativas envolvendo os alunos e, principalmente, a união entre pais, escola e comunidade.

O reforço tem que fazer parte do plano pedagógico da escola e tem que ser desenvolvido na própria escola, pelos professores, em um horário diferente do turno

das aulas normais. Deve ter características diferentes das aulas regulares, embora tenha que ser integrada a elas, para que o educando seja estimulado a aprender de forma nova. Aprender de forma nova significa oferecer outros métodos, diferente daqueles já oferecidos dentro do horário de aula junto a toda turma.

Nas atividades de reforço escolar, é possível desenvolver um conjunto de atividades bastante amplo, que desperte a curiosidade dos alunos, pelo fato de ser novidade. Mas que passando a fazer parte do seu dia-a-dia, dará um sentido ao que ele aprendeu. Essas atividades devem acontecer de forma contínua, ou seja, independente do local em que o aluno estiver, ele deverá ser capaz de estabelecer relações entre o que está vivenciando e o que foi visto em sala de aula.

Os alunos que participam do reforço escolar sempre apresentam avanços em relação ao aprendizado, pelo fato de terem uma atenção quase exclusiva do professor. Muitas vezes, os regentes de ensino não se preocupam com os alunos com nível de aprendizagem baixa e seguem ministrando suas aulas como se esses alunos fossem invisíveis. Essa falta de percepção dos regentes piora, ainda mais, a situação, pois as dificuldades dos alunos se acumulam bimestre a bimestre, ano a ano, e eles acabam se achando incapazes de aprender. É nesta situação que percebemos a importância de o professor observar os alunos, para assim identificar as principais dificuldades enfrentadas por eles e descobrir a melhor maneira de transpor estes obstáculos.

São muitas as maneiras de deixar um processo de ensino-aprendizagem mais criativo. Podem ser utilizados jogos, músicas, livros, passeios, histórias, etc. Essas são algumas das inúmeras formas de ludificar o aprender, e cabe ao educador encontrar a melhor maneira, pois é ele quem melhor conhece seu aluno.

Todo professor quer que os seus alunos acertem sempre, mas é preciso que o erro seja encarado como indicador da situação de aprendizagem, já que ele é um reflexo do que o aluno aprendeu a partir do que lhe foi ensinado. A partir de uma análise mais cuidadosa dos erros dos alunos, pode-se reformular as práticas docentes para que elas atendam às necessidades dos alunos em superar dificuldades de aprendizagem. Perrenoud (1998) afirma

Proponho considerar como formativa toda prática de avaliação contínua que pretenda contribuir para melhorar as aprendizagens em curso, qualquer que seja o quadro e qualquer que seja a extensão concreta da diferenciação do ensino. Essa ampliação corre o risco, de um ponto de vista prescritivo, de fazer com que a idéia de avaliação formativa perca seu rigor. Na

perspectiva descritiva, que aqui adoto, essa ampliação autoriza a dar conta das práticas correntes de avaliação contínua sob o ângulo de sua contribuição almejada ou efetiva para a regulação das aprendizagens durante o ano escolar. (PERRENOUD, 1998, p. 3)

Perrenoud nos mostra o quanto é fundamental que o professor reflita sobre as causas do fracasso escolar, não para se culpar, mas para se responsabilizar. Responsabilizar-se significa abraçar a causa e procurar alternativas para solucionar o problema.

É preciso, também, que ele procure compreender como ocorre o conhecimento, o que interfere na aprendizagem, seus diferentes estágios, e as diferentes teorias que podem transformar o trabalho do professor em processo científico, fazendo com que ele percorra o caminho prática- teoria- prática.

## **RESULTADOS**

Existe a necessidade de se redefinir e de se colocar em ação, alternativas e práticas pedagógicas, que favoreçam a todos os alunos na avaliação escolar, o que implica na atualização e desenvolvimento de conceitos e metodologias educacionais compatíveis com esse grande desafio de diminuir e ou acabar com as limitações de alunos e professores frente às dificuldades de aprendizagem.

Cada aluno faz parte de um grupo social e cada grupo é regulamentado por usos, costumes, tradições e regras que precisam ser observados pelos profissionais que irão trabalhar com eles. Mais do que nunca será necessário à elaboração de um Projeto Político-Pedagógico com o objetivo de suprir as dificuldades de aprendizagem presentes nas salas de aulas, dando conta das necessidades locais, com vistas à sustentação de um plano pedagógico coerente com o compromisso de contribuir para a construção do processo de aprendizagem.

É esta concepção de escola, enquanto espaço social, que precisa ser criada e é nela que precisa estar presente a ousadia, a criatividade, os sonhos, as diferentes falas, ou seja, é preciso criar uma escola que acredite nas potencialidades de seus alunos. Uma escola que perceba possibilidades de crescimento do corpo docente nas diferenças de aprendizagem no processo ensino-aprendizagem.

A escola vem adquirindo um papel social ao se tornar responsável por grande parte do desenvolvimento e aquisição de condutas e atitudes necessárias á sobrevivência social do aluno. Portanto, o desenvolvimento social não é mais objetivo somente da família. A escola além de cuidar da aprendizagem de conteúdos curriculares tem a responsabilidade de desenvolver um cidadão em todas as suas competências.

O ambiente escolar deverá propiciar aos educandos oportunidades e incentivar a criação de possibilidades para o processo de ensino-apredizagem para tornar-se capaz de ter novas ideias. Para que possam estruturar as aquisições de conhecimento, os educandos necessitam de um ambiente seguro, estimulante, em que os erros sejam permitidos e reavaliados. É importante destacar os pontos positivos dos alunos que têm dificuldade de aprendizagem para que eles não comecem a se achar incapazes de aprender. Conforme Luckesi (2000) afirma

O erro é a manifestação de um conhecimento não aprendido, mas que precisa atenção para que possa ocorrer o avanço na aprendizagem do aluno e se o professor compreende este desvio, possibilitará a sua correção e automaticamente uma boa aprendizagem. (LUCKESI, 2000, p.57)

É com o erro que se aprende o certo. A partir do momento que o educando percebe o que errou, ele produz uma mudança no seu comportamento e torna-se mais seguro. O educador deve compreender o erro e não punir o educando quando acontecer.

A aprendizagem não pode ser vista como mera acumulação de conhecimentos ou aquisições, mas sim como uma construção ativa e uma transformação das ideias; um processamento de informação mais diversificado e prático, com a facilitação intencional do educador.

Os estabelecimentos de ensino possuem o seu projeto político pedagógico que é um plano global e pode ser entendido como sistematização, nunca definitiva, de um processo de planejamento participativo, que se aperfeiçoa e se objetiva na caminhada, definindo claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar, a partir de um posicionamento quanto a sua intencionalidade e de uma leitura da realidade.

Um dos grandes desafios da instituição ou do educador é chegar a uma ação eficaz e inovadora que possibilite maior aprendizagem, e uma utilização adequada da avaliação. O planejamento do processo avaliativo escolar vai ajudar a organizar o processo de reflexão para procurar chegar a uma ação que seja transformadora. Para que isso aconteça é preciso que, anteriormente, seja revista a formação acadêmica, que deve ser questionada quanto ao tempo de estudo e a dedicação e o comprometimento dos educadores na busca por novos conhecimentos que possam ser aplicados em sala de aula para minimizar problemas. É preciso que os educadores entendam que sua formação é permanente e contínua.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É notório assim como diz Perrenoud, em *Avaliação: da excelência à regularização das aprendizagens entre duas lógicas*, é necessário uma avaliação que pretenda contribuir para melhorar as aprendizagens na perspectiva de uma evolução das práticas avaliativas no sentido de uma avaliação formativa, ou seja, uma avaliação que ajude o aluno a aprender e o professor a ensinar. A avaliação é um instrumento que deve ser utilizado de maneira correta, para trazer ao educador melhores resultados do que simplesmente o enquadramento do aluno em nível de aprendizagem. A avaliação formativa é um dispositivo de individualização dos percursos de formação e de diferenciação das intervenções no processo de ensino-aprendizagem.

Cabe ao professor, enquanto educador propiciar dentro do ambiente da sala de aula situações diferenciadas para que possa atingir a todos os alunos. Com o objetivo de aumentar as possibilidades no trabalho de transpor às dificuldades de aprendizagem que seus alunos apresentarem. E caso não seja possível, descubra a lacuna, ou seja, a dificuldade de aprendizagem a ser transposta, para que possa direcionar as intervenções a serem realizadas quem sabe até por um especialista da área da Educação, um Psicopedagogo.

Enfim, a mudança das práticas de avaliação deve ser acompanhada por uma transformação do ensino, da gestão da aula, do cuidado com os alunos em dificuldades de aprendizagem. Entre momentos de apoio, sejam eles internos ou externos, e verdadeiras pedagogias diferenciadas, há todo o tipo de organização de ensino.

Muitas são as limitações enfrentadas pelo corpo docente de uma escola, ao lidar com as dificuldades de aprendizagem, frente ao processo avaliativo que ocorre dentro da instituição escolar. Portanto, considero de suma importância as capacitações que são oferecidas aos professores, principalmente aos alfabetizadores das escolas públicas ou particulares, com o objetivo de minimizar o despreparo e falta de conhecimento sobre como e onde atuar frente às inúmeras dificuldades de aprendizagem dos alunos.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Sílvia Adriane Teixeira. Dificuldades de Aprendizagem: uma realidade no contexto escolar. In: <http://revistadaesab.com/?p=326>. Consulta dia 28/06/13.

CALDEIRA, Anna M. Salgueiro. Avaliação e processo de ensino-aprendizagem. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 3, p. 53-61, set./out. -1997. - \_\_\_\_\_. Resignificando a avaliação escolar. In: \_\_\_\_\_. Comissão Permanente de Avaliação Institucional: UFMG-PAIUB. Belo Horizonte: PROGRAD/UFMG, 2000. p. 122-129 (Cadernos de Avaliação, 3). - CUNHA, Maria Isabel da. O Professor universitário: na transição de paradigmas. Araraquara, SP: JM, 1998.

LEAL, Daniela. Dificuldades de aprendizagem: um olhar psicopedagógico. Curitiba: Ipbex, 2011.

LAKOMY, Ana Maria. Teorias cognitivas da aprendizagem. 2 ed. Curitiba: Ipbex, 2008.

LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da Aprendizagem Escolar. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, Maria Ângela Calderari. Psicopedagogia a instituição educacional em foco. Curitiba: IBPEX. 2009 1ª edição.

PERRENOUD, Phillipe. Avaliação: da excelência à regularização das aprendizagens entre duas lógicas. Porto Alegre, Artmed, 1998.

PERRENOUD, Philippe. Construir as competências desde a escola. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes médicas, 1999.

PERRENOUD, Phillipe (2000)- A Arte de construir competências. *Revista Nova Escola*. São Paulo, Abril Cultural, setembro de 2000. p. 19-31.